

Reparar e voltar a usar. Eis a economia circular

Ambiente. Ainda desconhecida por muitos empresários, esta forma de reutilização pode mudar a vida dos cidadãos

CARLOS FERRO

“Mudar de paradigma”; “uma marca para as futuras gerações”. Estas foram duas das ideias muito presentes no Fórum Picoas durante o primeiro *workshop* sobre economia circular, uma forma de desenvolvimento sustentável que em Portugal está pouco, ou quase nada, divulgada. Aliás, a necessidade de dar a conhecer esta forma de gerir recursos, que passa por uma maior reutilização de um bem que esteja em fim de vida – optando, por exemplo, pela sua reparação, com as vantagens que essa atitude tem não só para a economia como também para a longevidade dos recursos de um país –, foi outro dos alertas deixados no encontro organizado pelo Ministério do Ambiente. Um *workshop* que contou com vários oradores nacionais e dois especialistas internacionais, Ivan Gaffuri (da RobecoSAM) e Frido Kraanen (diretor da PGGM e FinanCE Group da Fundação Ellen MacArthur).

E um primeiro passo para Portugal começar a desenvolver soluções eficientes nesta gestão de recursos foi anunciado pelo mi-

nistro do Ambiente, João Matos Fernandes, que adiantou ter o país entregue a candidatura a apoios de seis milhões de euros do programa europeu EEA Grants, para financiar projetos na área da construção. De acordo com o governante, esta proposta pretende apoiar o desenho de “projetos inovadores”. A escolha do setor foi explicada pelo facto de aqui “o património construído que não vai voltar a ser utilizado é ele próprio um banco de materiais fabuloso que pode voltar a ser utilizado”. O ministro destacou ainda o facto de existirem nesta área diversos subsectores “importantes na nossa economia e que já têm prática na economia circular e sobretudo têm centros tecnológicos e universidades com que trabalham”.

Esta ligação foi, igualmente, um dos pontos analisados, principalmente num painel de debate – os dois outros centraram-se em questões financeiras – onde participaram representantes das comissões de coordenação e desenvolvimento regional do Centro e do Alentejo e das empresas BLC3 e ISQ, ambas com experiências na apresentação de projetos relacionados com economia circular. Foram unânimes em destacar as dificuldades que existem na abordagem a esta valência, nomeadamente por parte dos empresários. Pois para muitos a economia circular é um conceito quase desconhecido. E quem apresenta projetos – como as empresas – enfrenta a burocracia das instituições que têm de decidir sobre os apoios, já que muitas não estão sensibilizadas para a importância deste tipo de desenvolvimento sustentável.

Esta forma de gerir recursos passa por uma maior reutilização de um bem em fim de vida

ENTREVISTAS

“Modelos de negócio têm de mudar”



FRIDO KRAANEN
DIRETOR DA PGGM

Qual é o papel do sistema financeiro na transição para uma economia circular?

Tal como acontece com outras transições económicas, os investidores são os facilitadores da inovação, dado que cofinanciam projetos. Muitas vezes com as soluções de economia circular surgem mudanças substanciais no modelo de negócios. O risco de empresas que não mudam e que enfrentam problemas como a escassez de recursos e os preços voláteis dos recursos.

É necessário mudar os modelos de negócios atuais?

Repensar a forma de fazer negócios tem sempre efeito sobre o seu modelo. Uma outra razão importante para mudar os modelos de negócios é que, com negócios circulares, é muito importante colaborar na cadeia de valor. Por último, em novos modelos circulares surgem novas entidades.

É uma oportunidade para o mercado de publicidade, marketing e comunicação?

Definitivamente. O papel do consumidor é um dos menos analisados no que diz respeito à economia circular. Com um negócio em mudança surge também um papel e uma responsabilidade de se mudar a atitude do consumidor também. Por exemplo, precisa de devolver produtos em vez de os deitar fora.

Os financiamentos europeus podem ser a oportunidade para impulsionar a economia circular?

O dinheiro público pode ser usado para casos de algum risco. Não sou a favor de um papel dominante dos subsídios porque têm um efeito de curto prazo. Mas um papel de tomador de risco é muito sábio. Também a partir de uma perspectiva de investimento público. A economia circular traz muitos resultados macroeconómicos positivos.

“Flexibilidade é a palavra-chave”



IVAN GAFFURI
DIRETOR DA ROBECOSAM

A inovação é a chave para a economia circular?

É muito importante: produtos e soluções inovadores são necessários para reciclar e reutilizar mais, são necessários novos produtos para substituir os que não são facilmente recicláveis, ou que mostram um perfil menos atraente no uso de matérias-primas. Inovação também é fundamental no nível do processo. Os processos de fabricação precisam ser otimizados para se tornarem mais eficientes, usar menos e projetados para integrar novos tipos de materiais.

Qual é a vantagem da economia circular para as empresas? Ganham eficiência?

A eficiência do processo e a eficiência material são dois benefícios importantes. A conceção e implementação de processos que requerem menos matérias-primas e material de reutilização reduz os custos de produção a médio prazo.

Mostrou um gráfico que associa a materialidade na indústria química e siderúrgica nesta economia. Pode explicar isso?

Na Análise de Materialidade RobecoSAM, mapeamos os aspetos de sustentabilidade relevantes de uma indústria com base na probabilidade e grau de impacto que esses aspetos devem ter a médio prazo nos indicadores de valor da empresa. Aspetos como gestão de produtos, inovação, gestão ambiental e ecoeficiência, bem como a eficiência material, são elementos muito relevantes a considerar quando se avalia o desempenho financeiro de uma empresa na indústria de materiais.

Que setores beneficiam mais da economia circular?

No longo prazo, muitos. No estágio atual, as indústrias de manufatura, material e tecnologia poderiam ver os benefícios materializarem-se mais rapidamente.